

CONTOS DE FADAS: Surgimento e suas contribuições nas práticas pedagógicas na Educação Infantil

Nanglea Gabriele Sousa Moura¹
Regiane Oliveira Rodrigues²
Vilmar Martins da Silva³

RESUMO

A presente pesquisa trata de uma revisão bibliográfica, com aporte teórico baseado nos autores: Bettelheim (2008), Corso e Corso (2006), Ariès (1981) e Costa (2007), com abordagem qualitativa, que tem por objetivo analisar os contos de fadas como uma ferramenta metodológica para o ensino na educação infantil. Para isto, se faz necessário compreender o contexto histórico que levou ao seu surgimento, assim como sua evolução e as transformações que ocorreram socialmente acerca das concepções de infância para se fazer necessária a produção de uma literatura especialmente voltada a esta faixa etária. Observando que os contos já fazem parte da vida da maioria das crianças e que utilizá-los em sala de aula, inserido nas práticas pedagógicas, podem se mostrar um facilitador do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que suas contribuições vão além de treinar leitura e escrita, mas abrem espaço para interpretação textual, desenvolvimento de habilidades, uma vez que proporcionam para a criança um espaço de acolhimento, fazendo com que estes se identifiquem com os conflitos presentes na história e enxerguem soluções cabíveis para os seus próprios, inspirados nas narrativas, promovendo assim autoconhecimento, exercício da imaginação e criatividade e o aprimoramento do pensamento crítico e capacidade de resolução de problemas. Os contos de fadas abrem espaço para a imaginação, para o pensamento e a compreensão das emoções, possibilitando, assim, que a criança conheça a si mesma e ao mundo na qual está inserida.

Palavras-chave: Contos de Fadas, Educação Infantil, Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Atualmente, foi construída uma concepção de infância muito diferente da que outrora era vista. Hoje, diferente dos tempos remotos, se percebe que a criança possui necessidades específicas, e que, por estar em fase de desenvolvimento, carecem de estímulos que a auxiliem neste processo.

A educação tradicional pode se mostrar, muitas vezes, desinteressante aos alunos. Por isso, o professor se depara com a necessidade de utilizar meios alternativos que cativem a atenção dos educandos e a utilização dos contos de fadas pode se mostrar um método muito eficiente, visto a fascinação que crianças possuem por histórias e o maravilhoso mundo da ficção e imaginação.

Diante do exposto, o presente trabalho tem por objetivo analisar as contribuições dos contos de fadas, quando inseridos nas práticas pedagógicas na educação infantil, os considerando

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual - MA, nangleagabriele@gmail.com;

² Mestranda do Curso de Educação pela Universidade Estadual – MA, regyanejc@hotmail.com;

³ Professor orientador; mestrado, Universidade Vale dos Sinos - RS, villmartins@hotmail.com.

através dos seus benefícios e visando o desenvolvimento da criança e percepção de valores. Além de buscar compreender historicamente o contexto que levou ao surgimento destas histórias.

O trabalho se desenvolve a partir da pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, à luz de teóricos como Bettelheim (2008), Corso e Corso (2006), Ariès (1981) e Costa (2007), a presente pesquisa visa enxergar a literatura aqui abordada, os contos de fadas, por uma perspectiva pedagógica. Defendendo suas contribuições como ferramenta didática para a formação plena dos indivíduos.

As concepções de infância e o surgimento dos contos de fada

Durante toda a história da humanidade, o homem, ainda que de forma inconsciente, procurou manter um relacionamento com o mundo imaginário e seus arquétipos. Há quem diga que entre os povos antigos isso se dava por meio da interpretação dos sonhos e das histórias contadas ao redor das fogueiras. Estas narrações sofreram mudanças, decorrentes da evolução social, foram ganhando outros formatos e modelos, até que originaram os modelos que se conhecem hoje.

Até a idade média, no entanto, não havia a preocupação se determinados assuntos eram apropriados ou não para o público infantil. A criança era vista como um mini adulto, participando de todas as atividades sociais e tendo sua infância perdida em meio aos costumes da vida adulta. Lhes sendo permitido participar de jogos, ter uma profissão, e até mesmo assistir enforcamentos e decapitações. Para Ariès (1981, p. 99) “o sentimento da infância não existia” no período da Idade Média.

Tal desvalorização da infância pode ser observada na arte medieval, onde as crianças eram retratadas como adultos, apenas pintadas em escala menor. Sendo assim, era comum a representação de crianças desnudas, com barba ou possuindo musculatura semelhante às dos adultos.

Não havia uma distância clara entre casa e trabalho, nem entre o mundo da infância e o dos adultos, assim como tampouco havia uma preocupação com a formação das crianças, pois nem havia uma clara ideia de que a infância, tal qual concebemos existisse. (CORSO e CORSO, 2006, p.26).

Não havia ainda uma preocupação específica com a educação infantil, os valores e conhecimentos não lhes eram transmitidos pela família ou alguma instituição, eram obtidos através da experiência, auxiliando os adultos.

Neste período, a criança precisava se mostrar útil não só à sua família, mas à sociedade como um todo, defendendo os interesses de sua casa. Se pertencessem a famílias mais

abastadas, aos sete anos já poderiam ser colocadas como aprendiz em casa, pois se acreditava na premissa de saber servir para ser servido, permanecendo nessa função até os catorze anos. Em se tratando de crianças pobres, mesmo alcançando essa idade ainda continuavam servindo às casas dos senhores, uma vez que precisavam buscar o seu sustento. Não havia nenhum compromisso com a afetividade, nem existiam noções de responsabilidade para com o cuidado das crianças (DOLTO, 2005 apud ARAUJO; AMARI; OLIVEIRA, 2011).

Isto sem levar em consideração as condições precárias de higiene, que tornava muito alta as taxas de mortalidade infantil. Sendo considerado comum que famílias perdessem seus filhos, assim como a noção de substituição de uma criança falecida por uma outra gravidez.

Ao fim do século XVII, com as reformas católica e protestante, a escola surge com o papel de educadora. Houve uma distanciação entre as crianças e o mundo dos adultos, retirando a criança do meio social e as mantendo nas escolas, visto que o regime adotado era, em sua grande maioria, os internatos. Com isto se iniciou a construção da visão que se tem da infância atualmente.

A partir disto, por volta do século XIX, as famílias passaram a valorizar mais as crianças e a entender a importância de sua educação. Começaram a ser criados vínculos afetivos e sentimentais entre adultos e crianças e os pais passaram a demonstrar interesse pelos estudos de seus filhos, começando também a sentir a necessidade de preservar a inocência infantil.

A família passou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela. (ARIÈS, 1981, p.12)

Com isso, a forma como adultos viam e tratava as crianças foi mudando. A inocência e ternura que estas possuem lhes produziram uma nova percepção, notaram que era necessário amar, cuidar e proteger. Que proporcionava a quem lhes cuidasse momentos de distração e relaxamento, sendo estes momentos, vistos como uma espécie de entretenimento. Este comportamento pode ser definido como “paparicação” (Ariès, 1981, p. 10).

Ariès (1981, p. 42) afirma ainda que a concepção de infância estava diretamente relacionada à ideia de dependência. Acreditavam que quando a criança parava de ser dependente, havia terminado a infância. Não havendo uma idade de transição, como adolescência ou juventude, ao não ser mais considerada criança o indivíduo era imediatamente inserido no mundo dos adultos.

O período da segunda infância-adolescência foi distinguido graças ao estabelecimento progressivo e tardio de uma relação entre a idade e a classe escolar. Durante muito



tempo, no século XVI e até mesmo no século XVII, essa relação foi muito incerta. (ARIEËS, 1981, p.177).

O pensamento iluminista também influenciou diretamente na concepção de criança e, conseqüentemente, a educação. Jean-Jaques Rousseau, importante pensador deste movimento defendeu que a criança possuía uma natureza pura e inocente, desprovida de sexualidade, e que possuía uma especificidade em sua forma de agir e de pensar. E que, por isto, deveria ter uma educação apropriada, que desenvolvesse suas habilidades e potencialidades. Baseado nisso, produziu um Manual para Educadores, que tinha o objetivo de formar bons adultos. Tal manual foi muito bem aceito por pedagogos e professores da Europa, e serviu de base para uma mudança de pensamento na época (COSTA, 2007, p. 11).

A partir desta transformação no imaginário social acerca das concepções de infância e criança, surgiu a necessidade de uma literatura voltada a este público. Uma vez que as histórias que eram contadas em reuniões e eventos sociais era demasiado pesadas para a mentalidade infantil.

Neste cenário surgem os Contos de Fadas. Datar sua origem pode se mostrar uma tarefa complicada, visto que estes foram sendo contados, adaptados e repassados de geração a geração, especialmente entre camponeses, se tornando parte importante da cultura folclórica europeia ocidental. O fato dessas histórias serem repassadas de forma oral fez com que surgissem diversas versões do mesmo conto, mas, visto a importância que estavam alcançando, logo surgiram autores interessados em documentar as versões “oficiais”.

O francês Charles Perrault (1628 –1703) é visto como o primeiro o primeiro autor deste gênero, por adaptar ainda no século XVII histórias já existentes no folclore (contadas principalmente por camponeses, governantas e serventes), de forma que se adequassem e pudessem ser compartilhadas nos salões parisienses, retirando delas cenas impróprias que continham assuntos como incesto e canibalismo e com o objetivo de agradar a elite medieval, sem perder a essência e a originalidade da literatura popular (CADERMATORI, 2006, p. 26).

Em sua grande maioria, os Contos de Fadas iniciais eram apenas relatos da vida dos camponeses, esses relatos continham conflitos e até pornografias, sendo assim não eram indicados para ser contadas para crianças serviam apenas como entretenimento social.

Originalmente concebidos como entretenimento para adultos, os contos de fadas eram contados em reuniões sociais, nas salas de fiar, nos campos e em outros ambientes onde os adultos se reuniam - não nas creches. (CASHDAN, 2000, p. 20).

Em seguida, por volta do século XIX, na Alemanha, surgem os irmãos Grimm, cujas releituras são as mais conhecidas e aceitas até hoje, que adaptaram os contos de Perrault,



inserindo nestes os encantamentos, os fazendo parecer mais mágicos e míticos, leves e com os tão sonhados “finais felizes” (CADERMATORI, 2006, p. 26).

Bettelheim (2002, p. 14) afirma que "a maioria dos contos de fadas se originou em períodos em que a religião era parte muito importante da vida dos pontos assim, eles lidam diretamente ou por interferência com temas religiosos". Com o passar do tempo surgem as fadas, que quase sempre apareciam como auxiliadoras dos homens quando estes se encontravam em situações delicadas, o que poderiam se assemelhar aos anjos, no Cristianismo.

Não há dúvida que, em sua origem, as fadas estavam ligadas a cultos ou ritos religiosos. Em grande número de contos irlandeses (de origem celta), a heroína (sempre um ser sobrenatural) aparece como mensageira de Outro Mundo ou surge sob forma de um pássaro (em geral, cisne), que está ligado ao mistério da morte. (COELHO 2009 p.79).

A imagem da fada era a idealização da mulher perfeita, um ser fantástico, dotada de poderes sobrenaturais, este ser passou a ser uma figura constante na maioria das histórias e as crianças possuíam grande afeição por ela.

O termo Contos de Fadas foi criado pelos franceses, “*Conte de Fee*”, tendo sido originados na cultura céltico-bretã, onde a fada tem um papel central e fundamental, logo em seguida se desdobra em “*Fairy Tale*” em inglês, começando a surgir no Brasil somente a partir da segunda metade do século XIX, fruto de traduções e adaptações dos contos europeus (FALCONI; FARAGO, 2015, p. 10). O vocábulo fada vem do termo em latim *fatum*, cuja significado original é destino, fatalidade, oráculo.

Comprova-se que as fadas tiveram origem comum em função do próprio termo que as designa: “fada”. Sua primeira menção documentada em textos novelescos foi em língua latina: *fata* (oráculo, predição), derivada de *fatum* (destino, fatalidade). Nas línguas modernas: fada (português); *fata* (italiano); *fee* (francês); *fairy* (inglês); *feen* (alemão) e *hada* (espanhol). (COELHO, 2009, p. 78).

Fundamentado no significado da palavra “fada”, relacionando com os contos, estas histórias podem ser interpretadas como uma espécie de representação da vida real ou dos destinos de seus leitores.

Cada história de Contos de Fadas traz seu encanto, seu mistério, seu simbolismo e significações. Com elas é possível trabalhar inúmeros temas e utilizá-las dentro das práticas educativas podem trazer diversos benefícios em sala de aula, agindo como um facilitador para metodologia do docente.

A partir da análise etimológica do termo fada, se pode perceber o porquê de esses seres que estão presentes em contos serem tão importantes quando contados às crianças ou lidos por elas. Tais narrativas abrem a porta de um mundo maravilhoso cheio de coisas incríveis a serem descobertas, no qual não existem limites entre o possível e o impossível, e a todo ser que lá

habita é permitido sonhar e realizar seus sonhos da maneira que quiser: O mundo da imaginação.

A arte de contar histórias, uma das práticas mais antigas de que se tem notícia, tem um papel fundamental na condução dos mais jovens até este lugar deslumbrante de ficção. Rodrigues (2005, p. 04) afirma que a contação de histórias possibilita que a imaginação transite entre o que é fictício e o que é real, uma vez que, quando se prepara para contar uma história, o contador toma a experiência do narrador e de cada personagem como sendo sua própria, proporcionando, assim, a ampliação de sua experiência de vida. Rodrigues ainda enfatiza que apesar de os fatos contidos nas histórias pertencerem ao plano imaginário, os sentimentos ali contidos podem transcender a ficção e materializarem-se na vida real.

A imaginação permite o entendimento e a compreensão das histórias fictícias, como os contos de fadas, pois é possível enxergar a vida real dentro dessas narrativas. As histórias são essenciais na contribuição do centro de igualdade e de justiça social, além de transmitir informações e abranger as emoções.

Os contos de fadas, geralmente, se apresentam como histórias que giram ao redor de um conflito principal, desafios enfrentados por heróis ou heroínas que triunfam no final, mostrando que o bem sempre vence. Os personagens dessas histórias são os mais diversos como fadas madrinhas, animais falantes, duendes, anões, reis e rainhas, monstros e dragões, e estes são permeados por magias e encantamentos. A partir disso, é possível trabalhar e desenvolver a imaginação das crianças, mas também levá-los a compreender que não é possível viver apenas na fantasia, faz-se necessário compreender o mundo real.

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filhos), que desequilibra a tranqüilidade inicial. O desenvolvimento uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos. A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Valendo-se desta estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitir à criança a idéia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo. (AGUIAR, 1990, p.56).

A partir do fragmento supracitado, é possível inferir que os contos de fadas são repletos de lições e significados, e que podem auxiliar no desenvolvimento de características muito importantes para um indivíduo, como habilidades relacionadas à resolução de problemas, a partir do contraste e relação entre fantasia e realidade.

A estrutura dos contos, a caracterização detalhada dos personagens que apresentam, a linguagem clara utilizada e todos os elementos que os compõe contribuem para que estes continuem encantando jovens mentes e, assim, contribuindo para seu desenvolvimento.



O prazer que experimentamos quando nos permitimos ser suscetíveis a um conto de fadas, o encantamento que sentimos não vêm do significado psicológico de um conto (embora isto contribua para tal) mas das suas qualidades literárias - o próprio conto como uma obra de arte. O conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte. (BETTELHEIM, 2002, p. 12)

Dentre os inúmeros benefícios oferecidos pelos contos de fadas, Caldin (2004, p. 03) afirma que eles favorecem a introspecção, pois, por intermédio dele, a criança tem possibilidade de pensar sobre seus sentimentos e emoções além de adquirir a esperança de que o sofrimento que muitas vezes são obrigados a passar na vida são passageiros. A autora utiliza um exemplo de crianças doentes que se preocupam bastante com seu estado de saúde, se vão piorar ou não, e podem encontrar nos contos personagens em situações que fazem com que ela se identifique, mostrando que ela não se encontra sozinha em sua dor, se sentindo, assim, reconfortada. Sendo assim, os contos são fontes de deleite para as crianças, tanto por ser prazeroso os ouvir quanto pela representação. Prazer produz alegria, e alegria é terapêutica, afirma o autor.

Corso e Corso (2006, p. 303) afirmam que:

Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem. Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, pois determinados se tivermos a broca, o alicate ou a chave de fenda adequados. Além disso, com essas ferramentas podemos também criar, construir e transformar os objetos e os lugares.

A literatura infantil aqui abordada abre perspectivas para que seja possível compreender o mundo a partir do ponto de vista da criança, uma vez que traduzem seus sentimentos e emoções, além de reproduzir suas condições existenciais através de uma linguagem simbólica, atuando como a representação de um ensaio da vida os contos também podem favorecer a socialização através da participação em grupo, sendo de conhecimento geral que o convívio social é um instrumento muito importante para se viver e enfrentar as adversidades. Mas para que esse efeito seja obtido, Caldin (2004, p. 04) afirma que é necessário que, ao final de cada conto, o narrador promova um debate acerca da reflexão das mensagens que aquele conto pode estar querendo repassar, exercitando o imaginário.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado a partir de uma análise dos contos de fadas, visando compreender suas reais contribuições para as práticas pedagógicas na educação infantil.

Para isto, foi realizada através de um levantamento bibliográfico, buscando embasamento em fontes de pesquisa primárias e secundárias, utilizando uma abordagem

qualitativa, uma vez que este tipo de abordagem permite uma “ampla liberdade teórico-metodológica para realizar o seu estudo” (TRIVINOS, 1926, p.133), pois é neste tipo de pesquisa que o autor analisa criticamente os dados coletados, de acordo com suas opiniões e subjetividade de pensamento.

A pesquisa será realizada, através do método dedutivo, analisando situações gerais para se tirar conclusões. Pois, de acordo com os autores Freitas e Prodanov (2013, p. 27):

O raciocínio dedutivo tem o objetivo de explicar o conteúdo das premissas. Por intermédio de uma cadeia de raciocínio em ordem descendente, de análise do geral para o particular, chega a uma conclusão.

O método dedutivo poderá ser observado ao longo da pesquisa, uma vez que será realizado um levantamento acerca do contexto social e as concepções de infância que precederam e induziram o surgimento dos contos de fadas. Em seguida, uma busca acerca de possíveis análises e interpretações psicanalíticas dos contos de fadas e, por fim, serão apresentadas algumas contribuições dos contos de fadas para as práticas pedagógicas na educação infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O uso dos contos de fadas como metodologia de ensino, inicialmente poderia provocar uma surpresa parecida com a de quando os primeiros livros de literatura infantil começaram a surgir, por volta do século XVII, pois será como os ver em um lugar no qual outrora não existiam.

Mas estas histórias são de suma importância para as crianças, pois auxiliam na construção de sua identidade através de agir como auxiliadoras da compreensão do mundo real, lhes apresentando modelos de estruturas sociais e de comportamento que facilitam seu entendimento do mundo adulto. Conforme afirma Cashadan (2000, p. 99):

Durante o processo de crescimento, as crianças descobrem que o mundo é cheio de maravilhas, e que precisam aprender a ficar atentas a elas, de modo a evitar maiores desastres. Além de todas as outras coisas que representam, os contos de fada dão às crianças a oportunidade de praticar a solução de problemas. Os dilemas enfrentados pelos heróis ou heroína ensinam às crianças que elas podem ser bem-sucedidas no mundo, se utilizarem seus recursos internos.

Pikunas (1979) acredita que a idade entre 2 e 3 anos é caracterizada como a fase da leitura do realismo mágico. Se trata de um período em que a criança é levada a fantasiar, descobrir o mundo através da sua imaginação é a idade dos contos de fadas. O autor afirma que:

Durante os primeiros anos de meninice, as atividades lúdicas tornam-se cada vez mais criativas e dramáticas à medida que a imaginação da criança floresce. Ao imitar os adultos, outras crianças, tipos de televisão, várias situações tipo “faz de conta” são encenadas com miniaturas de tipos humanos e animais, instrumentos do lar, bonecas,



bola, argila e o que quer que haja em disponibilidade. “O equipamento de uma criança precisa estar relacionado com a idade e ser bastante variado para não restringir o “faz de conta” e as atividades relacionadas. Para a criança é com ser capaz de imitar as atividades da brincadeira de acordo com suas preocupações e interesses do momento. Ela precisa estar livre para explorar seu ambiente próximo e distante, bem como para procurar partes de detalhes a fim de obter entendimento de seus arredores e de si própria. É por isso que as crianças ensaiam muitas vezes suas experiências menos usuais e excepcionais até que estas comecem a fazer-lhes sentido (PIKUNAS apud PIAGET, 1936/1952: ALMY, 1966, p.217).

A partir dos 5 anos a imaginação da criança vai aumentando. Nessa fase as crianças vão mostrando muito interesse pelo "faz-de-conta" uma vez que os veem retratar aventuras incríveis e vendo como uma espécie de espetáculo os assistir na televisão.

Segundo Bettelheim (2008, p. 25), a partir do momento que a criança percebe uma identificação entre os seus problemas com os problemas enfrentados por um herói de um conto de fadas, isso faz com que ela solucione os seus conflitos interiores. O final feliz dos contos de fadas dá uma esperança para criança de que todos os seus problemas e angústias serão solucionados no final.

O autor enfatiza que, o motivo pelo qual os contos de fadas são sempre considerados atuais, é que eles retratam muitos sentimentos presentes na vida de todos os indivíduos, de todas as idades, como o medo, a solidão, e a insegurança. E a criança pode utilizar desses contos para aprender a lidar com essas "coisas do mundo adulto". Outro autor que compartilha deste pensamento é Abramovich (2001, p. 17):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

Documentos nacionais importantes também discutem a importância dos livros e das leituras para as crianças, mesmas ainda pequenas. Como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCN, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (2018), que sugere a leitura como facilitadora, aprimorando sua compreensão da linguagem verbal.

O RCN (1998) da Educação Infantil enfatiza que:

Ter acesso à boa literatura é dispor de uma formação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupa-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida. (RCN, Vol. 3 p. 143).

Posto isto, infere-se que cabe a escola e a família dos alunos o incentivo da leitura, apresentando livros e histórias de forma que desperte o interesse e o amor das crianças pelos

livros. Desta forma, a leitura será algo prazeroso, inerente e indissociável da vida do indivíduo, e não apenas algo chato e associado à escola.

Uma possível utilização dos contos de fadas em ambiente escolar seria incentivar o surgimento de uma autonomia entre os educandos. A partir do momento que um indivíduo ingressa numa instituição de ensino, ele tem que desenvolver certa independência de seus pais e aprender a realizar coisas somente com ajuda dos colegas. O conto de João e Maria, por exemplo retrata isto.

Por motivos de sobrevivência, o pai dos personagens principais os deixou na floresta, o que se compara ao pai que deixa seu filho na escola para trabalhar. Claro que isto é apenas um simbolismo, uma vez que o segundo pai certamente voltará. Mas, ao decorrer da história, percebe-se que o auxílio e a cooperação existente entre os dois os ajudou a livrar de todos os perigos que apareceram, representados na história por uma bruxa com uma casa de doces no meio da floresta que tentou devorá-los.

O professor pode utilizar deste conto para ensinar valores como união, a solidariedade e o cooperativismo, o ser humano foi criado para ser social e para estar inserido e conviver bem em sociedade as virtudes citadas anteriormente são indispensáveis e a escola é uma das instituições sociais responsáveis pela formação de indivíduos aptos a fazer parte do corpo social. Incentivando, assim, a autonomia dos alunos. Acerca disto, Bettelheim (2002, p. 202) afirma que:

A cooperação entre eles na realização das tarefas terá que substituir finalmente a dependência infantil restrito aos pais. A criança em idade escolar frequentemente ainda não pode imaginar que um dia será capaz de enfrentar o mundo sem os seus pais; por esta razão desejo agarrar-se a eles além do ponto necessário ponto precisa aprender a confiar que algum dia dominar os perigos do mundo, mesmo na forma exagerada em que seus medos retratam, e que se enriquecerá com isso.

O conto de fadas é um modelo com o qual a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de atingir a maturidade intelectual.

Os Contos de Fadas representam parte significativa da vida de muitas pessoas, os transferir das horas de lazer para as horas de estudo mostraria que aprender pode ser interessante e divertido além de captar a atenção de quem os escuta. Tais narrativas tem uma imensa parcela na formação do caráter de um indivíduo pois eles criam novos rumos para a imaginação, podendo eles serem bons ou ruins. Acredita-se que os contos de fadas fascinam e acompanham uma criança a um mundo de fantasia, de idealizações e dão sentido ao seu desejo de crescer e de mudar o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática proposta mostra-se de extrema importância e relevância para a esfera educacional pois trata de um assunto que é atemporal, os contos de fadas são clássicos e estão sempre sendo adaptados, seja no cinema ou em novas edições de livros e trazê-los para a sala de aula apresentaria um diferencial metodológico do professor. Além disso, por ser de fácil acesso, torna-se um tema viável de ser estudado e aplicado.

Para as crianças, os contos de fadas podem simbolizar um filtro através do qual a criança pode enxergar o mundo e conhecer a si mesma. A criança precisa da possibilidade de se entender nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar, e esse tipo de significado pode ser encontrado nos contos de fadas, através do imaginário.

Além disto, os contos podem ser utilizados ainda para diversos fins, como incitar o desenvolvimento cognitivo da criança através de estímulos. As histórias provocam atividade mental intensa, a criança ouve de forma ativa, interage com o narrador e os personagens e reage, fazendo antecipações, hipóteses, inferências que possibilitam o desenvolvimento das capacidades de linguagem, importantes para a compreensão de textos mais complexos.

Trazer para o centro das discussões os contos de fadas é mostrar como eles podem impactar diretamente as interações entre professor e aluno, e conseqüentemente, aluno e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. **Era uma vez** (contos de Grimm). Porto Alegre, Kuarup.1990.
- ARAÚJO, F. M. S. C.; AMARI, F. N.; OLIVEIRA, A. M. M. **A Função Dos Contos De Fadas Na Constituição Do Sujeito Psicanalítico**: Uma Análise A Partir Do Conto De Chapeuzinho Vermelho. *Akrópolis Umuarama*, v. 19, n. 3, p. 187-202, jul./set. 2011.
- ARIÈS, P. (1981). **História Social da Criança e da Família**. – Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1981.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. ed. Tradução Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. v. 1, 2 e 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CALDIN, C.F. **A aplicabilidade de textos literários para crianças**. *Encontros Bibbi: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 18, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p72>>. Acesso em: 26 de julho de 2021.



- CASHADAN, S. **Os 7 Pecados Capitais nos Contos de Fadas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos**. [S.l: s.n.], 2003.
- CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no Divã: psicanálise nas Histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- COSTA, T. **Psicanálise com crianças**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- DOLTO, F. **A causa das crianças**. Tradução Ivo Storniolo e Yvone Maria C. T. da Silva. São Paulo: Ideias & Letras, 2005.
- FALCONI, Isabela Mendes. FARAGO, Alessandra Corrêa. **Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2015. Disponível em: <https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200330.pdf>. Acesso em 10 de junho de 22.
- FREITAS, Ernani Cesar de. PRODANOV, Cleber Cristiano. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Nova Hamburgo, Rio Grande do Sul: FEEVALE, 2013.
- PAZOS, Vanda Inês da Silva. **Literatura Infante – Juvenil**. In: FÉLIX, Joana d’Arc Bicalho. Componente Curricular: Aprendendo a Aprender. Brasília: UNICEUB, 2004.
- PIKUNAS, J. **Desenvolvimento Humano**. 3 ed. São Paulo: Mc Grau – Hill do Brasil. LTDA, 1979.
- RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia: Gwaya, 2005.
- TRIVINOS, A. N. S., 1928. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.